

CONCIERGE

Edição FABRÍCIO BRASILIENSE
(fabricio.brasiliense@abril.com.br)
Arte ANDRÉ XAVIER

GENTE QUE SABE, OPINA, PROVOCA, VIAJA

GRANDE SERTÃO

De bike nas veredas

Uma ideia na cabeça e uma viagem de bicicleta pelos caminhos do romance de Guimarães Rosa

Por MAKELY KA



Bando de um pelo noroeste de Minas

A ideia surgiu uns anos atrás: montar na bicicleta e percorrer os lugares mencionados por Guimarães Rosa no romance *Grande Sertão: Veredas*. Minha intenção era recolher material que pudesse dar forma a um disco. No que fui bem-sucedido: o CD *Cavalo Motor* é o fruto dessa jornada pelo noroeste de Minas Gerais.

Para fazer a viagem, pesquisei mapas antigos, falei com pesquisadores, identifiquei quase 200 topônimos do livro: cidades, vilas, rios, ribeirões, serras, vãos, lisos, chapadões, veredas. A partir daí, tracei uma rota possível, passando por alguns dos principais pontos do romance – como o Liso do Suçuarão, deserto intransponível que o Riobaldo e seu bando de jagunços cruzam para raptar

a mulher do Hermógenes.

A escolha da bicicleta foi para estabelecer contato direto com a estrada, com as pessoas e os animais. Equipei a magrela com um cubo dínamo para gerar energia elétrica com as pedaladas. Acoplada a um regulador de tensão e ligada a uma bateria, utilizava a gerin-gonça para carregar um farol, um gravador, uma máquina fotográfica, um aparelho celular e um laptop. Levava ainda uma barraca e um fogareiro. Com isso, conseguia autonomia para andar por uma região muito remota.

Foram 47 dias e 1 668 quilômetros pedalados. Saí de Sete Lagoas dia 17 de julho de 2012. Passei em

tantos povoados e vilarejos que perdi a conta. Cruzei o São Francisco algumas vezes, atravessei o Rio das Velhas, o Jequitaiá, o Urucuia, o Carinhonha, o Paracatu, o Cochá, o De Janeiro, o do Sono e estive na cabeceira do Acari, do Pardo, do Pandeiros e do Rio dos Bois...

Conheci muita gente; com alguns não passei mais que algumas horas e, no entanto, tenho a impressão de que vou levar muitos deles comigo por muitos anos. Fiz muitas fotos, registrei sons e movimentos – e, sobretudo, voltei com muita coisa gravada na memória. Depois de baldear tantas vezes o São Francisco, a gente fica em estado de transbordamento.



MAKELY KA seguiu o Riobaldo, mas não fez pacto com o diabo